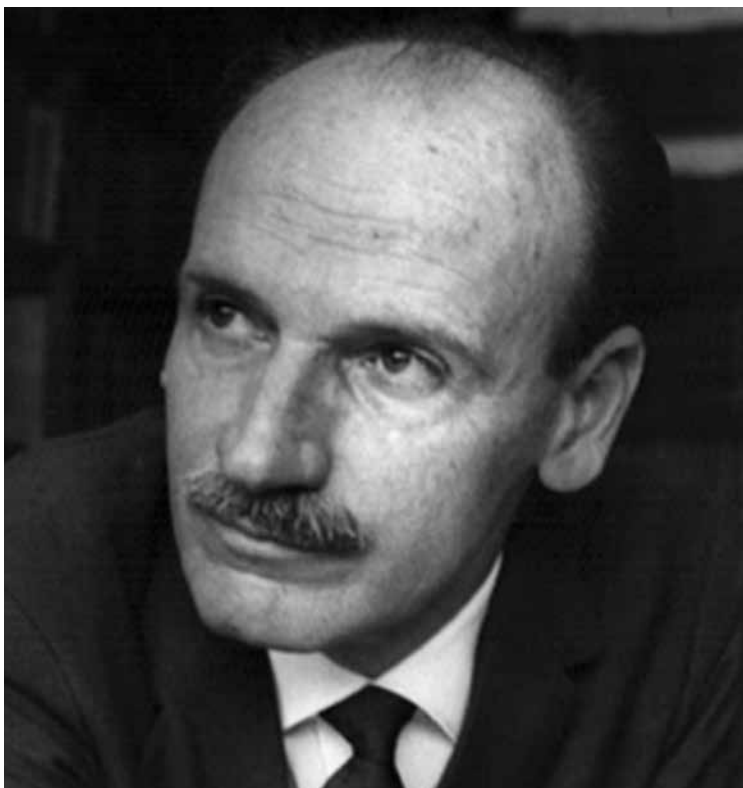


Goiás e o centenário de Bernardo Élis

Bernardo Élis, olhar profundo e instigante de quem amava as letras e as artes.

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, ou simplesmente Bernardo Élis, é o nome maior da Literatura brasileira feita em Goiás. Polígrafo, ele se destacou tanto como romancista, contista, cronista, poeta, ensaísta, pesquisador. Amava as letras e sua inteligência se derramava em múltiplos estilos. Nasceu em Corumbá de Goiás, filho do poeta Érico Curado e de Marieta Fleury Curado. Seus primeiros estudos foram feitos ali e na Cidade de Goiás, para onde se mudou adolescente; estudou no Lyceu e acompanhou os agitados tempos da mudança da capital para Goiânia. Iniciou a vida profissional em Anápolis e depois Goiânia. Em 1945



se formou em Direito. Já nesse tempo iniciava sua vida literária e também profissional no magistério, lecionando em vários lugares. Casou com Violeta Metran, poeta, natural de Morrinhos.

Entre os anos de 1970 a 1978, desempenhou as funções de Assessor Cultural junto ao Escritório de Representação do Estado de Goiás, no Rio de Janeiro, e reassumiu o cargo de professor na Universidade Federal de Goiás. Participou de congressos e conferências em todo o País, representando Goiás. Desempenhou ainda a função de Diretor Adjunto do Instituto Nacional do Livro, em Brasília, de 1978 a março de 1985. Em 1986, foi nomeado para o Conselho Federal de Cultura, ao qual pertenceu até a extinção do órgão, em 1989. Foi também Secretário de Cultura de Goiás e postumamente homenageado na Pri-

meira Bienal do Livro de Goiás. Suas obras *O tronco* e *André louco* foram filmados, com grande sucesso e repercussão.

As principais obras de Bernardo Élis foram *Primeira chuva*, poesia (1955); *Ermos e gerais*, contos (1944); *A terra e as carabinas* (1951); *O tronco*, romance (1956); *Caminhos e descaminhos*, contos (1965); *Veranico de janeiro*, contos (1966); *Caminhos dos gerais*, contos (1975); *André Louco*, contos (1978); *Seleta de Bernardo Élis*. Org. de Gilberto Mendon-

ça Teles; estudo e notas de Evanildo Bechara (1974); *Caminhos dos gerais* (1975); *Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil* (1980); *Apenas um violão* (1984); *Goiás em sol maior* (1985); *Jeca-Jeca-Jeca Jeca* (1986); *Chegou o governador* (1987); *Obra reunida de B. É.* (1987).

A sua consagração máxima como escritor veio há 40 anos. Em 1975 foi eleito, vencendo JK, o quarto ocupante da Cadeira 1, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 23 de outubro de 1975, na sucessão de Ivan Lins e recebido pelo Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 10 de dezembro de 1975.

Até hoje é o único goiano eleito para a Casa de Machado de Assis. Já mais velho, casou pela segunda vez com a escritora Maria Carmelita Fleury.

Depois de lutar pela vida, vítima de um câncer, faleceu Bernardo Élis em 30 de novembro de 1997, aos 82 anos e 15 dias, sepultado no Mausoléu dos Imortais da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. Deixou um valioso legado cultural para Goiás, como ícone maior de nossas letras e como inesquecível intelectual que honrou a nossa terra.

Bento Fleury (Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado). Graduado em Letras e linguística pela UFG. Especialista em Literatura Comparada pela UFG. Mestre em Letras pela UFG. Mestre em Geografia pela UFG. Doutorando em Geografia pela UFG. Escritor, professor e poeta. bentofleury@hotmail.com



Editorial



Estamos de volta

Após um hiato homérico sem nos pronunciarmos por estas páginas, resolvemos voltar. E não retornamos por acaso e nem ao acaso: temos novidades à vista. Até que elas se aproximem, apresentamos a seguir produções textuais recheadas de história, amor, carinho, críticas, análises aprofundadas, temas recorrentes (e vindouros), saudosismo, homenagens e inúmeras dicas imperdíveis.

O ano de 2015 foi marcante para as Letras. Celebramos honrosamente o centenário de Bernardo Élis, baluarte da Literatura brasileira feita em Goiás. O pesquisador Bento Fleury Curado nos presenteia com datas precisas, fatos marcantes e bibliografia completa do único goiano a pertencer uma cadeira na Casa de Machado de Assis, a Academia Brasileira de Letras. Ele relembra também, com saudosismo profundo, os feitos da acadêmica trindadense (in memoriam) Maria Emídio Evangelista, admirável mulher e professora, que completaria em 2015, os seus 80 anos de idade.

Temas atuais e, doravante, recorrentes na sociedade também ganham espaço privilegiado no *Academus*. Lena Castello Branco nos banha de conhecimento ao tratar sobre a falta d'água, antes abundante em nosso território. Boas recordações e más constatações do Riacho da Prata nos levam a refletir ainda mais.

E por falar em reflexão, Ali Kallil Ghamoum baseia-se em dados históricos para questionar a validade atual do legado deixado por Barão de Coubertin (idealizador das Olimpíadas da Era Moderna). Como o Brasil marcará a história em 2016?

Nesta edição ainda temos curiosidades sobre Cecília Meireles; homenagem da Maçonaria para a *Atleca*; novos empreendimentos terapêuticos da acadêmica Maria Luiza de Carvalho; detalhes da restauração do antigo cinema feita pela Afipe; entrevista com o jovem escritor Thiago Lucarini, feita pela jornalista Sandra Hans; mostra cultural na Faculdade União de Goyazes; agenda cultural e, claro, o Jubileu de Prata da nossa egrégia Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes.

Sem você

(para a amada distante)

Pode-se sorrir sempre,
ainda quando a alma chora.
Pode-se viver felicidades,
ainda quando nada mais faz sentido.
Pode-se dizer palavras lindas,
quando o silêncio cala, esmaga.
Pode-se ver, ouvir, falar, sentir,
orgasmar até.

Mas falta você!

Meu Deus! Tudo é o nada.
Como é imenso o nada, o vazio,
o silêncio de tua ausência,
tua intensa presença, sem você!

Floriano Freitas Filho



Versos para *Aedes aegypti*

Anoitecida, a furiosa muriçoca
finca o prego no coração
do homem sem vida.
Anoitecida, a muriçoca
lameia na água corrupta
do homem que lhe dá a vida.
Anoitecida, a muriçoca
enlouquecida orgulha-se
em furar os olhos
das trevas do homem
sem vida.
Agradecida, a muriçoca
anoitecida repousa sobre
o caixão da ignorância
homicida dos animais humanos
que sucateiam, menosprezam
e banalizam a vida.

Prof. Dr. Cristiano José da Silva
Biomédico e Filósofo

Professor e Pesquisador do Instituto Federal de Educação,
Ciências e Tecnologia da Cidade de Goiás

JORNAL ACADEMUS

Uma publicação da ATLECA - Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes

Editores: Antonio Erasmo e Elton Rosa | Colaboradores: Florianio Freitas, Lena Castello Branco, Rildo Bento, Dóris Reis, Maria Luiza, Bento Fleury, Dina Queiroz, Cássia Rodrigues e Wilson Paiva.

Editoração Eletrônica: Layout Propaganda (www.agencialayout.com)

Contatos: www.atleca.com.br | jacademus@gmail.com

DIVERSIDADE E HIBRIDISMO:

Em busca do fio de Ariadne

Wilson Alves de Paiva

Diz a mitologia grega que Minos, o rei de Creta, enfrentou um sério problema com uma criatura híbrida chamada Minotauro. Parte homem e parte touro, a besta nasceu da união “não-natural” entre a rainha Parsífae e o touro pelo qual ela apaixonara. A ferocidade taurina só foi contida com a construção de um labirinto no qual o monstro foi aprisionado. Sua fome, porém, não podia ser saciada a não ser com a carne de humanos sacrificados. Ninguém conseguia matá-lo, dada sua força, e até o filho de Minos e Parsífae pereceu na luta contra a fera. Mas apareceu um jovem chamado Teseu que se prontificou a enfrentar a famosa besta e o venceu. Entretanto sua vitória só foi possível com a ajuda de Ariadne, a filha de Minos, que movida por sua paixão ao jovem, deu-lhe uma espada e um novelo de linha para usá-lo em sua orientação pelo labirinto. Caso se perdesse, bastava seguir o fio deixado para trás e voltar ao ponto de partida a fim de buscar novos caminhos.

Por séculos a questão da diversidade étnica e cultural tem sido um problema para a convivência humana, quando não um labirinto tão ou mais trágico que o de Creta. O diferente, isto é, o “outro” sempre foi visto com desconfiança e invariavelmente as relações têm sido quase sempre na lógica da subjugação ou destruição daquele que não comunga com as mesmas ideias, não tem a mesma cultura e os mesmos traços. Basta lembrar o eterno conflito árabe-israelense; as atrozidades guerras de “limpeza étnica” nos Bálcãs; bem como as antigas lutas tribais na África e na América, sem comentar a barbárie nazista. Em todos os casos a afirmação da identidade de um povo teria de passar invariavelmente pela eliminação do outro. O fato é que no desenvolvimento das identidades no mundo atual, essa “eliminação” tem acontecido de uma forma ou de outra, isto é, quando não



ocorre uma violência física, não deixa de ocorrer uma “violência simbólica”, como apontaram alguns estudiosos, entre eles Bourdieu, que se dedicaram a essa questão sócio-antropológica.

Mesmo assim, contra todas as tendências de unificação e padronização, a humanidade tem resistido e mantido a diversidade. Milhares de línguas permanecem vivas; costumes tradicionais são preservados; a culinária se diversifica criativamente; as inúmeras crenças, mitos e rituais dão o tom às diversas manifestações culturais festivas e religiosas em todo o mundo; e, por fim, muitos lugares servem de nicho para a preservação e o fomento da alteridade. O Canadá, por exemplo, é um país que adotou o multiculturalismo como política de Estado. Ao mesmo tempo que incentiva a inserção do imigrante na cultura anglo-saxônica (ou franco-quebequês), as políticas de governo sinalizam para a preservação das culturas de origem. Embora não haja muitos intercruzamentos, e alguns conflitos e discriminações sejam inevitáveis dadas algumas questões de ordem histórica e/ou de extremismo e radicalismo, os grupos étnicos convivem de forma respeitosa.

Diferente daquele país, o fenômeno brasileiro foi o da hibridização, isto é, o da completa mistura das raças por meio de intercruzamentos ocorridos

desde a vinda dos primeiros portugueses. Mesmo que alguns estudiosos tenham visto esse processo como civilizador, como solução para o entrave das diferenças étnicas, o hibridismo brasileiro acabou por mascarar a dificuldade para lidar com o problema da diversidade. Mesmo que de forma velada, o preconceito ainda existe, a discriminação persiste nas relações do cotidiano e se oficializa nas produções da mídia em geral. Não há convivência respeitosa, mas uma relação de “cordialidade” que disfarça a preferência pelo caucasóide. Além disso, acentuam-se os conflitos religiosos, político-partidários e relativos às diferenças regionais. As diferenças se tornaram desigualdades, principalmente econômicas, e a visão idílica de um paraíso tropical deu lugar a uma sociedade cuja convivência não é respeitosa e a diversidade não é valorizada.

Como Teseu, encontramos hoje em um labirinto sombrio, munidos apenas de uma espada e um fio. Se tomarmos a figura da justiça, como espada, não teremos sucesso, pois contra bestialidade não há lei, não há ordem e toda “justiça”, na opinião da elite política dirigente, precisa ser engajada. À iminência de um ataque mortal, resta-nos retroceder, seguir o fio que nos conduziu até aqui e retomar do início. Ou seja, repensar nossa história, nossa condição política e cultural a fim de refletirmos e retomarmos novos caminhos. Talvez aprendamos a conviver melhor, respeitando as diferenças (em todos os sentidos) e promovendo a justiça social. Que a bravura de Teseu e a sabedoria de Ariadne nos inspirem, se não, como se diz em bom português, vamos perder o fio da meada.

Wilson Alves de Paiva

Doutor em Filosofia da Educação pela USP e pós-doutor em cultura e educação pela University of Calgary (Canadá). Professor da PUC-GO e assessor da FUG.

Olimpíada Rio 2016

Ali Kalil Ghamoum

As olimpíadas são eventos desportivos que ocorrem a cada quatro anos. Inicialmente ocorria para celebrar os Deuses gregos e a paz entre as cidades do país o qual as competições eram capazes de interromper as guerras entre as cidades, num ritual conhecido por “trégua sagrada”.

Quando foram celebrados os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, se pretendia apenas realizar um evento que reunisse algumas centenas de pessoas que praticavam o esporte como atividade. Mal sabia o Barão de Coubertin (idealizador das Olimpíadas da Era Moderna) que a competição iria se transformar em um dos principais eventos culturais do planeta, ultrapassando, sem dúvida, os limites do esporte.

A notoriedade dos Jogos Olímpicos, criada tanto pelo seu caráter simbólico quanto pela sua dimensão material, fez com que o evento se transformasse em palco de diversas manifestações políticas ao longo do século XX. Alguns exemplos: Nas Olimpíadas de Berlim em 1936, Adolf Hitler se recusou a reconhecer as vitórias do atleta norte-americano negro Jesse Owens; nas Olimpíadas de Munique (1972), um atentado de um grupo terrorista palestino matou 11 atletas de Israel; os Estados Unidos se recusaram a participar dos Jogos de Moscou (1980), e a URSS, das Olimpíadas de Los Angeles (1984), em um claro contexto da Guerra Fria.

Acontecerão no mês de agosto de 2016 na cidade do Rio de Janeiro

(Brasil), os XXXI Jogos Olímpicos de Verão. A abertura será realizada no dia 5 de agosto e a cerimônia de encerramento ocorrerá no dia 21 de agosto. O lema dos jogos será “Viva sua paixão”. As duas cerimônias acontecerão no Estádio do Maracanã.

O estádio do Maracanã está sendo totalmente reformado e modernizado. Sua capacidade será de 82.000 espectadores.

As cerimônias de abertura e encerramento serão vistas pela televisão por, aproximadamente, 4,5 bilhões de pessoas no mundo todo (estimativa). A expectativa é de que participem, nas Olimpíadas 2016, cerca de 12.500 atletas de 206 nações.

O Brasil competiu pela primeira vez nos Jogos Olímpicos em 1920, na Antuérpia, Bélgica. Participou de cada edição desde então, com exceção dos jogos de 1928, em Amsterdã na Holanda. É o primeiro país sul-americano a receber uma edição de Jogos Olímpicos.

Os Jogos Olímpicos podem proporcionar um significativo avanço econômico para a cidade e o país-sede do evento. Embora o fato de se candidatar ao megaevento exija uma série de responsabilidades, principalmente em relação à infra estrutura das cidades-candidatas, os benefícios econômicos gerados pelos jogos são bem maiores do que os próprios investimentos para sua realização.

A projeção da cidade e do país-sede do evento é tamanha, que é capaz de provocar profundas e permanentes



mudanças socioeconômicas positivas. A atração de turistas de diversas partes do mundo faz com que melhorias estruturais permanentes sejam feitas, como rede de transporte, moradia e instalações esportivas. Sem contar nos inúmeros novos postos de trabalho que são gerados direta ou indiretamente através do evento.

Depois dessas informações sobre a Olimpíada e o que ela deveria deixar de LEGADO, sabendo das dificuldades econômicas, sociais e políticas que o país vem passando pergunto: qual será o LEGADO que a Olimpíada 2016 deixará pra cidade do Rio de Janeiro e o Brasil? Ou o legado deixado será apenas esportivo? Continuaremos na próxima edição ok, aguardo vocês.

Por Ali Kalil Ghamoum

Membro titular da ATLECA,
Membro da Loja Maçônica Trindade
58, Coordenador do curso de
Educação Física da FUG e Prof.
Aposentado do Col. Est.
Padre Pelágio.



Flor do Lácio com Edilane Neves

Caros leitores, passeando entre os livros (que é o que nós, biblioteconomistas, fazemos – entre outras coisas), descobrimos como é bela a língua portuguesa. Aqui vão algumas dicas para o melhor cultivo da “Flor do Lácio”:

Havia ou haviam?

O verbo “haver” é impessoal quando usado no sentido de “existir” ou de “ocorrer”. Deve ser conjugado apenas na terceira pessoa do singular, qualquer que seja o tempo: “Há duas pessoas na sala”, “Houve um tempo...”, “Havia vários casos”, “Mesmo que houvesse dúvidas” etc.

Portanto é errado dizer: “Haviam 14 relógios na loja”; “devem haver duas pessoas esperando”.

Conjuga-se com o sujeito em situações formais e quando empregado como auxiliar (“Nunca houveram o que perderam”, “Não houveram o resultado pretendido”, etc.). Entre as menos formais (e mais frequentes) estão aquelas em que é: “Eu hei de vencer”, “Eles haverão de entender isso em algum dia”, “Eles haviam chegado antes do anoitecer”, etc.

ÁGUA DE BEBER

LENA CASTELLO BRANCO

Há algum tempo, fomos ao Rio de Janeiro e tivemos o prazer de jantar com amigos cariocas. Um deles, general quatro estrelas que comandou tropas na Amazônia, contou-nos que navios chineses, depois de descarregarem suas mercadorias, enchem de água seus imensos porões – ou seriam depósitos? E profetizou: “A próxima guerra mundial será pelo controle das fontes de água doce”.

Certo é que água da bacia amazônica está sendo levada como lastro para o outro lado do mundo! E possivelmente de graça... Faz sentido: a superpopulação da China poluiu e fez assorear rios, além de desertificar áreas imensas do país que é maior do que o Brasil. Entretanto, com 1 bilhão e 350 milhões de habitantes, já lhe faltam áreas cultiváveis e habitáveis; e escasseiam recursos hídricos.

E não só na China: o efeito estufa resulta em reiteradas alterações climáticas, que se traduzem em secas, tempestades, ciclones, tsunamis etc. Há quem conteste que tais extremos resultem da ação deletéria do homem; seriam antes fenômenos naturais, decorrentes de outros, de origem geológica. Pode ser. Ainda há muito o que estudar e pesquisar a respeito. Certo é, porém, que a desertificação e a falta de água são visíveis nas regiões de civilizações mais antigas; e onde outrora vicejaram vergeis, pomares, plantações de trigo, cevada e linho, hoje só há desertos.

Não é sem razão que estudiosos e políticos de visão alertam sobre a existência de efetiva cobiça internacional em relação à Amazônia, expressa em



propostas de “internacionalização” da região. O que teria como pano de fundo a crítica à alegada incapacidade dos brasileiros de administrar essa parte especialíssima do Planeta Terra, onde se situam alguns dos maiores rios do mundo.

Reconheçamos que há muito a ser feito, entre nós, no que diz respeito à preservação de cursos de água doce. De igual modo, pouca atenção é dada aos lençóis subterrâneos, com destaque para os aquíferos, que asseguram a perenidade dos cursos d'água da superfície.

É de cortar o coração ver o que acontece com os córregos e ribeirões que atravessam nossas cidades. Sujeira, detritos, pneus velhos, mau cheiro, esgotos in natura – como se repetissem a Cloaca Maxima, escoadouro das sujeiras da

Roma Antiga. Com a diferença de que, naqueles tempos remotos, não havia engenharia sanitária, nem conhecimentos e tecnologias de saneamento ambiental.

No estado de Goiás, nascem rios formadores das maiores bacias hidrográficas do continente sul-americano. O maciço cristalino do Brasil Central é divisor de águas das bacias do Prata, do São Francisco e do Tocantins/Araguaia, caudatários do Amazonas. Entretanto, a notícia que se tem é que, em Goiás, de ano para ano, nascentes, riachos e ribeirões estão diminuindo em volume de água, quando não desaparecendo. Até o imenso Aquífero Guarani está ameaçado, devido à devastação irresponsável da cobertura vegetal do cerrado que, formada em milhões de anos, vem dando lugar a plantações de soja, cana e capim.

Sou do tempo em que era possível entrar nos córregos e beber sem susto a água colhida com a concha das mãos. Na infância, quando tomávamos banho no Riacho da Prata, minhas irmãs e eu brincávamos de encher as bochechas com a água em que mergulhávamos e espirrá-la umas nas outras. Nunca ninguém adoeceu por isso. Tantos anos passados, quando voltei àquele cenário paradisíaco meu coração doeu: havia garrafas pet, sacos de plástico e espuma de detergente boiando na superfície das águas, que minguiaram sensivelmente. Sinal dos tempos...

* Doutora em História Social; professora titular (aposentada) da Universidade Federal de Goiás; sócia emérita do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; sócia fundadora da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e da Sociedade Brasileira de História da Medicina; sócia titular da Academia Belavistense de Letras, Arte e Ciências e da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes.

TelaCult Resenhas de Filme

Por Floriano Freitas

O Jogo da Imitação

(Uma história de desobediência civilizada) - filme de Franco Zeffirelli

Consagração de Alan Turing (interpretado por Benedict Cumberbatch), matemático que, por sua genialidade e determinação, decifrou ENIGMA, o código nazista tido como indecifrável, o que permitiu que os aliados virassem a guerra a seu favor. A máquina por ele idealizada foi o embrião da ciência da computação. Condenado na Inglaterra por ser homossexual, foi-lhe dada a opção de auto castrar-se quimicamente para evitar a prisão. Suicidou em 1954, no ostracismo. Em 2013 foi reabilitado pela rainha Elisabeth, sendo reconhecido como um dos homens mais importantes do século passado.



Os 80 anos de Maria Emídio Evangelista

Acadêmica e professora Maria Emídio Evangelista discursando na “Semana Cultural Aldair Nery” em homenagem ao ilustre educador e poeta.

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Maria Emídio Evangelista, admirável mulher e professora, completaria, em 2015, os seus 80 anos de idade. Sua vida limpa e honrada, como grande intelectual e professora, não pode ser esquecida. Ela nasceu na pequena cidade de Cumari, no Estado de Goiás em 18 de setembro de 1935, filha de João Emídio Filho e Rita Joaquina da Silveira. Eram ferroviários.

Iniciou seus estudos no Grupo Escolar Castro Alves de Cumari e fez dois anos de curso no Colégio Santa Clara de Campinas, terminando-os nos famosos colégios Sagrado Coração, de Pires do Rio e Nossa Senhora Mãe de Deus, de Catalão; onde também fez o Curso Normal Regional, ampliando-os na Escola Normal São João Batista de Cumari.

Maria Emídio Evangelista em sessão da Academia, vendo-se o Dr. Ediberto Marcolino Vieira, a professora Natalina Neves e o então prefeito Pedro Pereira da Silva.

Iniciou o curso superior de Pedagogia na UCG que deixou interrompido por problemas de saúde na família e fez dezenas de outros em extensão, terminando o de Teologia em 1990, com brilhantismo.

Sua vida profissional iniciou como professora em Cumari no mesmo grupo escolar onde estudou; passando depois por escolas isoladas, até passar a Catalão, no Grupo Escolar Joaquim de Araújo e Grupo Escolar Pio Gomes.

Mais tarde, foi diretora por seis anos do Grupo Escolar Moisés Ferro de Cumari e professora no Educandário Santa Terezinha de Trindade por 22 anos, no Colégio Divino Pai Eterno e Padre Pelágio, aposentando-se na Subsecretaria Regional de Educação.

Acadêmica e intelectual brilhante, foi presidente da instituição; foi Sócia Honorífica da Academia Trindadense de Letras; deixa seu legado como mulher de admirável inteligência e faleceu em 20 de maio de 2011, aos 75 anos de idade.

Reunião da Academia na gestão da presidente Maria Emídio Evangelista, na residência de Lena Castelo Branco e Floriano Freitas.

Maria Emídio Evangelista foi uma mulher admirável. Fez história e está presente no coração de nós todos. Descanse na paz de Deus.



Bento Fleury (Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado). Graduado em Letras e linguística pela UFG. Especialista em Literatura Comparada pela UFG. Mestre em Letras pela UFG. Mestre em Geografia pela UFG. Doutorando em Geografia pela UFG. Escritor, professor e poeta. bentofleury@hotmail.com

FAMÍLIA E LEITURA: construindo práticas

Edilane Neves - Eguimar Felício Chaveiro



O filósofo Blanchot apresenta uma síntese ao referir-se ao mundo mágico da palavra. Ele diz que “a palavra torna as coisas realmente presentes fora delas mesmas”. De seu ensinamento, poder-se-ia sacramentar: o ser humano é feito de palavras, com as quais relaciona, trabalha, conhece, intervém, ama. É nesse ponto – e com essa magnitude – que o exercício de ler é, para o sujeito moderno e contemporâneo, um ato de vida.

A benevolência da leitura, contudo, é duramente combatida ou implicada pelas coisas do mundo. Como construir práticas de leitura em meio a uma asfixiante turbinação de informações? Como inscrever adolescentes e jovens no mundo da leitura no contexto de um mundo ruidoso, compulsivo, fragmentado?

Contraditória e paradoxalmente, nunca se teve tanto acesso às fontes de leitura, dos clássicos gregos às últimas notícias de um evento importante. Nunca a palavra escrita, conforme ponderou o escritor Cristóvão Tezza, foi tão alçada no cotidiano e na sociabilidade humana como agora com os novos veículos e meios.

No presente texto queremos apresentar a importância da formação da prática de leitura no ambiente familiar. O objetivo é demonstrar como a família pode contribuir para a formação de leitores.

A família representa um espaço de emancipação do sujeito, constitui o primeiro grupo social, onde ele desde a tenra idade adquire práticas que irão refletir em toda sua vida, seja na escola, no mercado de trabalho e nas relações interpessoais. É evidente sua influência nos hábitos de seus membros; costume familiar torna-se tradição, que vai transferindo de geração em geração.

Nesse sentido, quando os pais incen-

tivam e valorizam a prática da leitura, os filhos possuem maiores possibilidades de se tornarem grandes leitores. Numa casa onde os pais gostam de ler, mesmo que não disponham de uma boa biblioteca, a criança cresce valorizando naturalmente aqueles objetos cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo. A criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa que dá prazer. Os pais que não têm, eles próprios, o hábito de ler deveriam pensar a importância de tentar mudar de comportamento, tanto em benefícios dos seus filhos quanto de si mesmos. (SANDRONI; MACHADO, 1998, p.40)

Além de ser um exercício para a alfabetização, a leitura proporciona a descoberta do mundo. O grande educador brasileiro Paulo Freire, é enfático em afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Com muita propriedade Freire (2008) defende que linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

A leitura constitui uma atividade completa, pois, possibilita conhecer costumes, idiomas e a riqueza que o mundo oferece. Dolores Prades, escritora e editora especializada em literatura infantil, pondera que a leitura na primeira infância deve ser entendida como uma das necessidades básicas, fundamentais a serem supridas mesmo antes do nascimento.

Como disse o escritor italiano Umberto Eco, o texto é uma máquina preguiçosa, esperando que o leitor faça a sua parte. Isso significa que o texto está condicionado à existência do leitor. Contudo, sabemos que a criança por si só não têm condições de se tornar um leitor. E nesse contexto, a família entra como a engrenagem necessária para fazer o texto andar.

#FicaaDicaBrasil
Guia Turístico e Cultural



Almir Sater em Goiânia

05 de março
Teatro Rio Vermelho
Rua 4, Setor Central - Goiânia

Programação Teatro Goiânia Fevereiro/2016

Dia 10 e 11 – Recital Tributo aos anos 80. Coro Sinfônico de Goiás e UFG

Dia 12 – Ciranda da Arte

Dias 13 e 14 – A Arquinha do Seu Noé, espetáculo teatral infantil. Inovart Produções.

Dias 16 e 17 – Fest Music Dance

Dia 20 – Espetáculo teatral Ei, Você... Colore meu mundo. Produção Diego Evangelista.

Dias 23 e 24 – Fest Music Dance

Dia 25 - Ciranda da Arte

Dia 28 – Palco Vacas Magras – Pop e MPB. Produção Kaio Bruno

MATRÍCULAS ABERTAS

Ballet | Dança de Salão | Treinamento Funcional



Início das aulas: 25.jan

3110-3004 / 8565-2300

Ballet para Adultas

Nova Modalidade - Exclusiva em Trindade



Aula Inaugural - 2.fev - 20h

Inscrições e Informações:
3110-3004 / 8565-2300

Atleca é homenageada pela Maçonaria



No dia 25 de maio, em comemoração ao Jubileu de Prata e em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade trindadense nesses 25 anos de existência, a Academia Trindadense de Letras Ciências e Artes (Atleca) recebeu uma honraria louvável. O Venerável Mestre, Valdemar Meira de Oliveira, e membros da Loja Maçônica Trindade 58, entregaram ao Prof. Dr. Wilson Alves de Paiva, presidente da Academia, a Comenda Maçônica Irmão Octavio Dias de Oliveira, em momento festivo na Maçonaria. (Ali Kalil Ghamoum)

Maria Luiza e Bethânia inauguram o espaço Núcleo Terapêutico Aconchegar

“As pessoas que passam por nós, nunca vão sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós!”

Maria Luiza, psicóloga, acredita que um encontro entre duas pessoas nunca acontece à toa. Há sempre um porquê, nunca um acaso. Assim se encontraram Bethânia e Malu, Malu e Bethânia.

Encontro de ideias e ideais, de sensibilidade e sentimento, anseios e sonhos. Encontro de trabalho. Encontro de realizações. Afinidades que as uniram desde sempre: arte, cultura, cuidado com o outro, um olhar diferenciado para a diversidade.

Bethânia é apaixonada pela história de vida de Frida Kahlo, pintora mexicana, mulher forte e decidida, que viveu seu amor, sua dor física e emocional.

Malu, estudiosa de Camille Claudel, escultora francesa que se refugiou na arte para não sucumbir de amor. O que tem em comum Frida e Camille? Mulheres que amaram intensamente e se reinventaram por meio da arte, deixando de ser mulheres comuns e cotidianas para se tornarem marcas de seu tempo e de seu lugar.

MULHERES DE AÇO E DE FLORES

O que tem em comum Bethânia e Malu?

Mulheres que amam a vida intensamente e se reinventam a cada dia por meio da arte de fazer o outro cada vez melhor e assim, fazem e refazem a própria existência. Deixam suas marcas. Deixam também de ser mulheres comuns e cotidianas para se tornarem marcas de seu tempo e de seu lugar.

Malu trabalhou por muitos anos na Clínica Mulher, em Trindade, agora realiza o grande sonho: ter um núcleo terapêutico. O espaço foi inaugurado no dia 7 de março e está localizado na Av. C-171 qd. 405, lt. 22, Bairro Jardim América, em Goiânia. A decoração deste espaço “Aconchegar” mostra que cada cantinho foi pensado para refletir esse contexto. Personagens, paisagens, réplicas, poemas, arte, cores, amor, flores e borboletas.



Quem foi?

A poetisa Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro, em 1901, e faleceu em 1964. Foi também pintora, professora e jornalista. Seu lirismo encantou a literatura brasileira. Com apenas 18 anos de idade, no ano de 1919, publicou seu primeiro livro “Espectro” (vários poemas de caráter simbolista). Em 1939, Cecília publicou o segundo, “Viagem”. A beleza das poesias trouxe-lhe um grande reconhecimento dos leitores e também dos acadêmicos da área de literatura. Com este livro, ganhou o Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Um dos poemas mais belos de sua autoria é “Motivo”:

Motivo

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
— mais nada.



Cultura e evangelização

Associação Filhos do Pai Eterno (Afipe) assume antigo cinema de Trindade (GO) com o objetivo de aliar momentos de oração e lazer ao público

Desde 1956, o Cine Teatro Mara de Trindade (GO) era um dos pontos de encontro, onde moradores eromeiros tinham momentos de lazer e entretenimento. Com o tempo, o local, que era sempre bastante frequentado, passou por algumas modificações na estrutura. Após cerca de 40 anos, o movimento começou a diminuir até que o espaço foi definitivamente fechado.

Em 2014, a Associação Filhos do Pai Eterno (Afipe), por meio de seu presidente-fundador, Pe. Robson de Oliveira, que é também Superior Provincial dos Redentoristas de Goiás, assumiu o local e começou um projeto de restauração, reforma e ampliação. Agora, chamado de Cineteatro Afipe, tem o objetivo de resgatar os tempos de glória vividos pelo cinema, além de agregar um conteúdo de fé, evangelização e cultura.

Padre Robson destaca que o ambiente será dedicado a falar de Deus de uma forma especial: “Não somente dentro de uma Eucaristia, que sempre é dedicada a Trindade Santíssima. Mas, principalmente, para se refletir de forma catequética, teológica e, também, para se louvar através de shows artísticos, de teatros, em suma, de várias maneiras, falar de Deus, louvar a Deus, engrandecer o nome de Deus. Esse ambiente é para isso e quer servir a Deus dessa maneira”.

História

Há quase 60 anos, a população da cidade de Trindade foi apresentada com a inauguração do Cine Teatro Mara, em frente à praça da Matriz do Divino Pai Eterno. Em



1968, ganhou uma estrutura totalmente nova, tornando-se um local bastante frequentado pela comunidade trindadense, incluindo a juventude. Passou a servir também para outros eventos e reuniões políticas.

Por volta de 1982, o espaço trocou de dono, o novo proprietário desenvolveu a área dos fundos do cinema para transformar no Clube Recreativo de Trindade. A partir de 1986, com a criação do Grupo Teatral Desencanto, o cinema passou também a ser local das apresentações teatrais da cidade. Entre os anos de 1996 e 1998, sediou edições do Festival de Teatro da cidade, produzido, montado e

organizado pelo Desencanto. Com o passar dos anos, o movimento foi diminuindo e, com isso, o local passou a ter dificuldades de funcionamento e foi fechado.

O novo complexo, Cineteatro Afipe, proporcionará à comunidade e aosromeiros um espaço cultural e de evangelização. Serão eventos religiosos, como celebrações, momentos de reflexão, encontros de oração e adoração ao Santíssimo Sacramento. Além de outras programações que atenderão a todos públicos: palestras, seminários, exposições e apresentações culturais (teatro, dança, shows, mostra de filmes etc.).

Fonte: Afipe

Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes chega aos 25 anos, o Jubileu de Prata

Bento Fleury*

Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, entidade cultural de nossa cidade, nascida da inspiração do escritor Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, na época, com 20 anos de idade, em 1989. Depois de um tempo de preparação e de contatos com os escritores ligados à cidade de Trindade por nascimento, sangue ou afetividade, foi essa entidade cultural fundada em 20 de agosto de 1990, fundamentando-se na construção de um alvissareiro futuro para a cultura de nossa admirável Trindade - cidade símbolo da fé e da Tradição do nosso Estado de Goiás:

Foram elas arrimo e esteio de nossa Academia e que utilizando o grau elevado de seus intelectos, auxiliaram a arregimentar outros nomes que, acalentadamente, passaram a fazer parte de nossa mais lídima afetividade: Nelly Alves de Almeida, Nice Monteiro Daher, Sônia Maria Ferreira, Terezy Fleuri de Godoi, Marilda de Godoy Carvalho, Genezy de Castro e Silva, Çollemar Natal e Silva, Antonio Geraldo Ramos Jubé, Augusta Faro Fleury de Mello, Edla Pacheco Saad, Eli Brasiliense Ribeiro, Geraldo Coelho Vaz, Goiandira do Couto, José Mendonça Telles, Lygia de Moura Rassi, Maria Elizabeth Fleury Teixeira, Maria Emídio Evangelista, Maria Mendanha, Narcisa de Abreu Cordeiro, Modesto Gomes da Silva, Osvaldo Rodrigues e Bariane Ortêncio, num total de 31 acadêmicos.

Escolhida a Diretoria provisória em 20 de Agosto de 1990, composta pelos Acadêmicos Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (Presidente), Sônia Maria Ferreira (Vice Presidente), Maria Elizabeth Fleury Teixeira (Secretária), Augusta Faro Fleury de Mello (2ª Secretária), Narcisa de Abreu Cordeiro (1ª Tesoureira), e Célia Coutinho Seixo de Britto (2ª Secretária), a partir daí, foram escolhidos outros nomes para comporem o quadro social da entidade: Lindomar Castilho, Enéas Silva, Cici Pinheiro, Márcia Lisboa Milagre, Ostecrino de Oliveira Lacerda, Reginaldo Saddi, Cleuza Maria Marques Silva, Célia Câmara, Elza de Freitas, Félix Hen-



rique Reinish, Gilcélia Martins de Carvalho, José Fernandes, Maria Augusta Callado de Salloma Rodrigues, Omar Souto, Reynaldo Rocha que formaram, então, o quadro efetivo da Academia com 40 Membros Titulares das Cadeiras.

Nas diversas atividades culturais e acadêmicas, conseguimos levar até a juventude trindadense o labor intelectual goiano, provando que Academia não carece de ser voltada apenas a uma determinada elite, mas ela é patrimônio de toda a população de Trindade.

Na história de nossa Academia estarão imortalizados os feitos desses homens e dessas mulheres notáveis do passado. Foram eles alavanca do tempo, batalhadores do bem comum, imortais no edificante serviço prestado ao Estado na sustentação de nossa base cultural.

Mesmo que alguns deles não tiveram direta ligação com Trindade, sabemos, foram construtores de laborioso serviço que, de forma indireta, acabou nos fazendo crescer. Também, no quadro efetivo dos Acadêmicos Titulares, possuímos bom número de Acadêmicos de Goiânia, razão pela qual, em alguns casos, temos reuniões pouco numerosas.

A Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes, augusta casa de letras de nossa terra manteve acesa nesses 25 anos a chama do labor e do saber.

Seguiu os velhos preceitos judiciosos, com calma, serenidade e altivez, firmando-se no cenário cultural

de Goiás, conquistando o respeito e a credibilidade dos vultos de escol que regem os destinos da cultura e da intelectualidade goiana. Sabemos também que por excesso de zelo, muitas e muitas vezes erramos, mas sempre estivemos dispostos para enfrentar os embates da luta, sem esmorecimentos, e, com humildade, não nos abtemos ao sorriso primavera-veril das esperanças e dos ideais que embalamos e da alegria estuante do convívio que nos foi florindo o caminho, no desdobramento contínuo de nossas múltiplas atividades.

Nossa Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes nasceu para a eternidade. Ela será o retrato conjunto de nossos sonhos, de nossos anseios e de nossas conquistas. Ela se firmará na história de Trindade como um farol no nevoeiro, como um raiar libertário onde as forças latentes nos diversos campos da ação intelectual se firmarão buscando ao alvissareiro futuro.

São atuais membros da Academia Trindadense de Letras os intelectuais: Maria Luiza de Carvalho, Edilane de Souza Neves, Eloiso Alves de Matos, Ivone Maria da Cruz, Ana Cárita Figueiredo Margarida, Maria Benta do Carmo Queiroz, Cristiano José da Silva, Lázaro Neves, Maria Ludovico de Almeida e Silva, Cristiano José da Silva, Doreis da Silva Pereira, Rildo Bento de Souza, Elton Rosa de Souza, Cássia Rodrigues dos Santos Araújo, Mário Martins Neves Junior, Geraldo Divino Silva, João Colagem, Anna Rita Ludovico Ferreira e Silva, Goiana Vieira da Anunciação, Cristiano Paulo Vaz, Dóris de Fátima Reis, Antonio Erasmo de Queiroz Chaveiro, Eguimar Felício Chaveiro, Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, Wildes de Jesus Rodrigues, Wilson Alves de Paiva, Ana Braga, Dina Queiroz, Avelirdes de Almeida e Silva, Roseli Vieira Pires, Renè Chantal Duguè, Ali Kalil Ghammoun, Joabe Pereira de Freitas. Sócios Eméritos: Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, Iraci Borges, Floriano de Freitas Filho, Lena Castelo Branco Ferreira de Freitas, Maria Geralda de Carvalho e Antonio Alves de Carvalho.

A Literatura pede passagem

Thiago Lucarini: Um jovem escritor goiano que você precisa conhecer!

Sandra Hans

Não conhece ainda? Aqui vai: Thiago Lucarini, 24 anos, natural de Goiânia, mas reside em Trindade há quase dois anos. Possui formação acadêmica em Nutrição (FUG), e foi criando receitas que começou a cozinhar palavras a fogo brando e descobriu aquilo que mudaria para sempre o seu destino: ser escritor.

Thiago lançou seu primeiro livro em 2012, aos 22 anos, com o título de Réquiem, pela Editora Multifoco além de vários outros contos publicados em diversas coletâneas. Réquiem é uma ficção, um romance que chama a atenção pelo teor místico. Seus recentes lançamentos, com o mesmo teor, também são destaques nacionais: Antologia - Luz & Escuridão, e 'Além do Véu da Morte' publicados pela Editora Buriti. Segue a entrevista realizada com o autor:

Quando começou o interesse pelos livros, como foi esse processo até chegar à publicação do seu primeiro livro?

Sou um leitor tardio, comecei a ler aos 15 anos, pois nunca tive o exemplo de leitura dentro de casa: mãe com apenas o ensino médio, pai com fundamental incompleto e avô semi-analfabeta, dá pra imaginar? Eu via aqueles livros enormes e me perguntava 'como alguém pode ler isso? Minha surpresa foi quando comprei O Código Da Vinci do Dan Brown (meu primeiro livro) e o li em apenas 5 dias. A partir daquele momento me vi fascinado pela literatura e nunca mais larguei. Então em 2009 com 19 anos, já tendo lido um razoável número de obras, percebi que nem todas me agradavam e que eu podia tentar escrever minhas próprias histórias. Desde que coloquei a caneta no papel nunca mais parei (Não tinha computador, então escrevia tudo em cadernos). Escrevi de cara meu primeiro livro Renascer, hoje renomeado para Terra Seca, e nunca publicado, conseguindo lançar somente em 2012 meu segundo livro Réquiem pela Editora Multifoco.

Quais livros te marcaram?

Por ter sido o primeiro da minha vida, O Código Da Vinci, como disse. Mas cada livro nos marca de uma forma, é impossível ler 'n' páginas de uma obra e sair ileso (risos).

Quais as maiores barreiras para escritores goianos, especialmente do interior, se é que existem?

Primeiramente o contato com as editoras de grandes eixos: Rio de Janeiro – São Paulo, apesar de não ser tão difícil hoje. Goiás é carente de editoras

que consigam levar um escritor a âmbito nacional. Em segundo lugar vem o investimento inicial que este escritor precisa disponibilizar para empregar na sua obra.

Temas preferidos? Obras que te influenciaram?

Gosto de temas corriqueiros e polêmicos. Amo escrever sobre ambiguidades e extremos. Morte e vida, amor e ódio, bem e mal, feio e belo, santidade e promiscuidade. Isso me fascina.

Não existe uma obra específica que me influenciou, seria leviano da minha parte escolher apenas algumas dentre tantas. Creio que sou uma mistura de tudo o que já li.

Teve muito apoio neste sonho?

(Risos) Pouquíssimos. No início apenas alguns amigos. Mesmo hoje ainda é complicado.

Quais lugares do Brasil em que seus livros se destacam?

Publico meus trabalhos em editoras de São Paulo, Rio de Janeiro e mais recentemente em Minas Gerais. Portanto, eles se destacam no âmbito da distribuição dessas editoras.

As editoras estão abertas a novos

Os livros de Thiago são recomendados a todos que gostam de literatura sobrenatural, ficção repleta de mistérios e dessa nova corrente, chamada de literatura fatnástica. Os livros estão longe de nos fazer bocejar, ou pensar que estamos lendo algo repetitivo. São livros surpreendentes que nos conduzem a extraordinárias viagens e até reflexões. Ao folhear a páginas de 'Réquiem' e 'Além do Véu da Morte', por exemplo, é impossível não querer chegar ao final.

Para conhecer os livros e adquirir, esse é o endereço
<http://editoraburiti.com.br/category/catalogo/>

Contato - Thiago Lucarini - thiago-lucarini@hotmail.com



escritores?

Existem algumas pequenas editoras bem abertas, especializadas em novos autores. É um mercado lucrativo. Pelas grandes editoras a viabilização do autor nacional ainda é bastante difícil.

Como foi ver o primeiro livro publicado?

Mágico. Escrever é mágico. Depois de receber zilhões de não, quando finalmente encontrei o primeiro sim no seu caminho de pedras foi incrível. Vibro a cada resposta positiva que recebo.

Fale sobre os seus recentes lançamentos.

Mais recentemente participei da antologia Luz & Escuridão, da Editora Buriti, e em novembro do ano passado lancei o livro Além do Véu da Morte, pela mesma editora, e que acredito ser a obra da minha vida, pois traz em suas páginas uma reflexão sobre a vida e a morte. Quanto a novos trabalhos, ultimamente me deixo ser levado pela maré, esperando boas oportunidades, pois já passei da fase de loucura intensa de querer publicar em qualquer lugar e a todo o tempo. Vantagem do tempo: paciência.

NotíciasFACULDADE UNIÃO DE
GOYAZES

Intervalo Cultural na FUG

A Coordenação de Comunicação, Eventos e Cultura da Faculdade União de Goyazes realiza todo mês uma apresentação cultural no sentido de sensibilizar alunos, professores e funcionários para a importância da arte em suas diversas manifestações. Idealizado e coordenado pelo Prof. Dr. Wilson A. Paiva, presidente da ATLECA, a FUG realizou uma exposição dos trabalhos do artista Jafran, uma exposição do fotógrafo Lázaro Neves e promoveu dois flash mobs com músicas da cidade e um com cantores líricos de Goiânia, durante os últimos meses de 2015, além da Feira do Troca-Troca de livros usados, em parceria com a Biblioteca da FUG por iniciativa da bibliotecomista Luciene Francis. No início de 2016 Jafran e João Colagem iniciaram um painel artístico (painel de 10.000 Mm. x 3.500 Mm, desenho e colagem,) na área de convivência, o qual será inaugurado pela direção da FUG em fevereiro/2016.



MENTES BRILHANTES
TEM GRANDES IDEIAS
VESTIBULAR FUG
2016 A MELHOR
IDEIA DO ANO



Biomedicina
Ciências Biológicas
Educação Física
Enfermagem
Farmácia
Fisioterapia
Nutrição
Terapia Ocupacional



Informações: 62. 3506.9300 / fug.edu.br